

## As visões da Contemporaneidade e as escolas de pensamento

*Estudantes do curso de História (Turma 2005)  
Departamento de Artes e Humanidades - UFV*

Desde o nascimento da Modernidade, no final do século XVII, a historiografia adquiriu configuração antropológica, promovendo o advento do homem como principal referência das ciências empíricas e filosóficas. Dentro da Modernidade, a partir do esquema tripartite iluminista - que divide a História em Antiga, Medieval e Moderna -, a Contemporaneidade permaneceu, por muito tempo, apenas como um último período. Após críticas a estas concepções de Devir e com influência do local de produção, iniciou-se a separação entre estes dois períodos. O momento está diretamente relacionado com a produção do dado conhecimento histórico, centro de produção filosófica e, posteriormente, nomeado de acadêmico; que convergem na ruptura entre Modernidade e Contemporaneidade.

A História Contemporânea nasce, então, com a necessidade de novas técnicas de análise, não lhe sendo cabíveis os métodos de estudo da História Medieval e Moderna. O excesso de documentação e a inexistência de um considerável distanciamento dos fatos caracterizam a Contemporaneidade e promovem diversos questionamentos sobre os acontecimentos que são objetos de estudo. Além disso, os estudos recentes de História Contemporânea buscam evitar uma visão geral da Contemporaneidade e a superação do Eurocentrismo. A documentação em demasia suscita, ainda, o problema da coerência da narrativa, o que se tornou o principal ponto de disputa em torno da História Contemporânea.

Tais peculiaridades instigam diversos estudos com base nas dificuldades de se fazer a História Contemporânea - vista por alguns como “História do Tempo Presente”-, uma vez que a Contemporaneidade está posta para o presente e a História para o passado, levantando a problemática de que o presente não deveria ser excluído da História. Assim, diversas escolas se propuseram a analisar a construção de uma História Contemporânea, como é exposto por Osvaldo

Coggiola em seu texto “História e Contemporaneidade”, no qual o autor discorre sobre a percepção das concepções e direcionamentos das principais escolas historiográficas nos dois últimos séculos.

### **Escola Russa**

A História Contemporânea, para a Escola Russa, é feita em cima de uma periodização ideológica, com recorte na época do capitalismo industrial.

O período da historiografia russa tem início em 1917, com a instauração da Revolução Russa, e estende-se até 1945. Seus pensamentos conduzem a História como um apêndice da História Econômica, retrocedendo em relação à produção da historiografia socialista. A História ganha caráter publicitário, e tem como principais pensadores Lênin, Pokrovski, Stálin e Issac Deutscher.

Pokrovski e Lênin baseiam-se em métodos associativos entre teoria e prática. A História seria uma ciência política que deveria ser ensinada às massas, dando a essas uma consciência de classe. Tais autores ainda, pregam a valorização da particularidade concreta de cada momento histórico.

Para Stálin, a História da Contemporaneidade fica reduzida à história do desenvolvimento das forças produtivas, com a tarefa de desvendar as leis de produção e o desenvolvimento econômico da sociedade. Sua interpretação do conceito de modo-de-produção é considerada por Coggiola como linear-vulgar, com um esquema simplista de sucessão cronológica, em um “primitivismo acorde com o deserto intelectual do Stalinismo”.

No período pós-Stálin, a velha historiografia retorna através de uma guinada conservadora em direção à historiografia ocidental; sendo reproduzidos seus métodos, períodos e narrativas.

### **Escola Italiana**

A historiografia italiana está fortemente marcada pela dimensão nacional. Assim, o corte cronológico da Contemporaneidade é feito na Restauração Monárquica, e não na Revolução Democrática.

Nesta Escola, destacam-se Benedetto Croce - um dos mais ilustres representantes da corrente italiana -, Antonio Gramsci e Caetano Bonifácio. Para Benedetto Croce, a história é sempre contemporânea. Já Antonio Gramsci, em embate travado no âmbito interno da Escola, considera como ponto crucial de entendimento da História Contemporânea a ruptura histórica no *Settecento* (incluindo as lutas da época revolucionária e napoleônica na França) e o *Resorgimento* italiano.

Os métodos utilizados pela Escola Italiana, baseiam-se na tradição marxista e os manuais didáticos imperam com datação de 1815 ao final do século XIX, em um o corte eurocêntrico de periodização que segue os recortes da História Contemporânea na Itália.

### **Escola Alemã e Espanhola**

Percebe-se que os objetos de estudos das duas escolas apresentam-se bastante distintos. A Escola Alemã entende a História a partir da Europa; ao passo que a Escola Espanhola tenta partir de uma reinterpretação dos acontecimentos recentes, numa perspectiva global, inserindo os países de periferia como participantes ativos do todo.

A Escola Alemã entende basicamente como Contemporâneo os acontecimentos do período da “Guerra Fria”. Tratados com erudição, os estudos dessas questões acabam sofrendo um inevitável parcelamento, pois se concentram nos estudos sobre a Europa, sendo as demais regiões do globo tratadas de forma separada. Além do parcelamento dos resultados, a exarcebada erudição leva a um detalhamento excessivo, que provoca confusão na interpretação dos dados. A escola busca entender o mundo numa visão extremamente imersa em seu próprio estado de pós-segunda

guerra: um país que vivia a atmosfera dual da batalha “silenciosa” entre os regimes capitalistas e socialistas.

Já a perspectiva espanhola é mais ampla. A Escola Espanhola busca o Contemporâneo em assuntos recentes, englobando os países considerados de periferia. Aproxima-se aos pré-supostos da Escola Francesa, que entende a disciplina como a dialética entre passado e presente.

Os expoentes mais lembrados da Escola Alemã são Peter Gay e R. A. C. Parquer. O representante da Escola Espanhola é Joseph Fontana.

### **Escola Anglo-Saxã**

A Escola Anglo-Saxã critica a História Tradicional, uma vez que essa é escrita a partir de um ponto fixo do qual é traçado um desenvolvimento contínuo. A História Contemporânea, ao contrário do que pregava a historiografia praticada no restante da Europa, deve escolher um ponto final e não inicial, privilegiando a discussão com ênfase na narrativa, mais do que na estrutura e história imediata.

Na tradição Anglo-Saxã, a Contemporaneidade limita-se geralmente ao período posterior a Primeira Guerra Mundial. A escola é marcada pela forma reacionária, antioletivista e anticomunista; tendo como expoentes Eric Hobsbawm, Geoffrey Barraclough e Arnold Toynbee.

### **A Escola Francesa**

Mesmo mantendo o domínio sob o campo intelectual na produção do saber, a Escola Francesa é bastante questionada.

Como uma das principais fontes de críticas, podemos destacar o corte definidor entre História Moderna e Contemporânea. Este recorte colocava a Revolução de 1789 como marco, o que - para alguns críticos - deixa o historiador muito próximo de seu objeto de estudo. Assim, o distanciamento necessário para evitar a superficialidade diante da necessidade de confrontar fatos, acontecimentos e informações, não é alcançado.

De várias idéias e dois conceitos básicos a respeito da História Contemporânea, a Escola Francesa surge com um conceito inicial mais tradicional, que vê o Contemporâneo como objeto de estudo da História. Com corte definidor da História Contemporânea a partir do fim do Antigo Regime,

tal vertente não possui grande número de historiadores dispostos a estudá-la. Já a dialética entre o passado e o presente é que agita a problemática do segundo conceito proposto. O historiador passa, assim, a valorizar o presente e a fazer o estudo dele.

Existem, ainda, outras concepções dentro da historiografia francesa. Para alguns autores, como por exemplo Marc Ferro, o cinema é o elemento definidor da contemporaneidade, sendo a fonte documental específica da história contemporânea. Junto com René Remond e Louis Girard, Marc Ferro compartilha de uma visão eurocêntrica da história. Já Marc Bloch e Lucien Febvre, historiadores mais recentes, criticam a Escola Francesa Tradicional e propõem uma nova forma de “fazer” História, dando espaço às histórias das diversas sociedades.